

O futuro das nossas cidades

por Igor de Vetyemy

Como serão as nossas cidades em 50, 70, 100 anos? Essa pergunta poderia ter uma série infindável de respostas dependendo do ângulo pelo qual se aborde a questão. Afinal, sabemos que nossas cidades funcionam como organismos vivos e complexos, com um metabolismo todo particular e infinitas variáveis que as vão moldando ao longo do tempo. São questões sociais, políticas, climáticas, culturais, tecnológicas e de tantas outras naturezas que a lista poderia seguir sem fim. Mas um ponto comum entre essas variantes é que todas elas, eventualmente, acabam por produzir resultados físicos. São marcas, cicatrizes e regenerações que vão paulatinamente moldando ou modificando a paisagem construída da cidade que as abriga.

Por isso, algo essencial em qualquer tentativa de entender o espaço em que viveremos no futuro é investigar, atentando para todos esses fatores, quais as tendências que podem implicar em grandes alterações físicas do espaço que nos cerca. E no momento em que vivemos nenhum outro aspecto do comportamento da sociedade é mais relevante do que a tendência migratória, ainda e cada vez mais direcionada para o adensamento das regiões que já apresentam maior densidade populacional: as cidades. As grandes cidades. As metrópoles e megalópoles em especial.

É fato que vivemos cada vez mais concentrados. E sabemos também que continuaremos a viver nos concentrando, cada vez mais, nos grandes centros urbanos em que hoje já vive a maioria de nós. Desde 2010, pela primeira vez, mais da metade da população mundial passou a viver em cidades. Em 2014, relatório da ONU já apontava 54% de população urbana no mundo. Hoje, de acordo com o Centro de Estudos Urbanos dos Estados Unidos Demographia, 56% de nós já vive não simplesmente em cidades, mas apenas nos maiores aglomerados urbanos do planeta e em 2050 estima-se que 2/3 da população mundial viva em cidades.

Embora 2010 seja o ano do último censo que possa confirmar que essa tendência é ainda mais relevante

no Brasil, já naquele ano nada menos do que 84% dos brasileiros já vivia em cidades e de lá para cá, a antiga tendência do êxodo rural brasileiro não dá qualquer sinal de arrefecimento. No resto do mundo, o quadro não é muito diferente. Ainda segundo as previsões da ONU, embora o crescimento da população mundial tenha chances de estagnar dentro dos próximos 50 anos, a população que vive em cidades seguirá em crescimento acelerado pelo menos pelos próximos 100 anos. Isso acontece porque o crescimento populacional urbano é turbinado não apenas pelo ainda relevante crescimento da população mundial, mas também pelo êxodo rural e pelas tendências migratórias da contemporaneidade, por motivos como guerras, intolerância religiosa e miséria absoluta.

Este fenômeno implica em uma série de consequências, principalmente sociais e políticas, mas como o objetivo aqui é investigar como será o espaço em que viveremos, o que nos interessa é entender como as cidades reagirão fisicamente a isso, ou seja: para onde e como as cidades crescerão para abrigar esse contingente populacional cada vez maior. E neste caso a busca por uma resposta mais precisa já ganha mais subsídios, pois fisicamente as cidades têm basicamente duas maneiras de reagir: Ou elas expandem os seus limites territoriais, aumentando a área de solo ocupada pela sua população, num fenômeno conhecido como espraiamento urbano, ou aumentam a quantidade de pessoas por metro quadrado, o chamado adensamento urbano, basicamente uma expansão vertical. Toda cidade, na verdade, reage das duas formas, logicamente que cada uma reagindo em maior ou menor grau de uma maneira ou da outra.

Mas também é fato que, devido à variante inexorável da mobilidade urbana, hoje as limitações para se expandir horizontalmente são muito mais desafiadoras do que para se adensar territórios urbanos já consolidados, servidos de infraestrutura pronta e fácil acesso a serviços, comércio, trabalho, cultura, lazer, enfim, servidos do que chamamos de acesso à cidade. A ex-

pansão territorial das nossas duas maiores metrópoles, São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, além de já ter estabelecido processo assustadoramente acelerado de apropriação de áreas rurais (que possuem seu papel fundamental na vida da própria cidade), já apresenta claro processo de conurbação com os municípios vizinhos (no qual se extinguem os limites visíveis entre o tecido urbano de uma cidade e da outra). Hoje todos os estudos dessa região apontam para um inevitável processo de "mega-conurbação" entre as duas grandes metrópoles brasileiras.

E embora simbolicamente a imagem de uma casinha no campo habite o inconsciente coletivo quando se fala em viver sustentavelmente, na verdade viver mais concentrado (o que, em última análise, significa viver nas cidades) é a maneira mais sustentável de se habitar por conta da eficiência na distribuição de recursos como energia, água, gás, esgoto, sistema de coleta de lixo, circulação de bens e serviços e etc. Além de promover interação social, dar voz a grupos que têm a possibilidade de se encontrar e lutar por seus direitos, enfim, uma série de consequências positivas. Bem como uma série de consequências negativas que também vêm a reboque: maior exposição à poluição, a doenças infectocontagiosas, a stress e fatores que podem levar à depressão e outros problemas de saúde.

Ou seja: como tudo na vida, viver em cidades nos traz boas oportunidades, mas traz junto alguns desafios indigestos. Uma nova forma de negócios, no entanto, a



Conurbação da grande São Paulo com as cidades vizinhas

chamada economia colaborativa, já demonstra que é possível extrair grandes benefícios da concentração de pessoas, como prova o sucesso do Airbnb e do Uber, as maiores empresas do mundo no setor de hospedagem e de transporte urbano de passageiros sem possuírem qualquer quarto de hotel ou carro. Se fazendo valer apenas da concentração de pessoas com interesses complementares e das novas barreiras expandidas da tecnologia da comunicação e da mídia social.

De qualquer forma, em última análise, se é inevitável a concentração cada vez maior em cidades, seja ela boa ou má, o mais importante é investigarmos como lidar com este fenômeno, para conseguir fazer que as nossas cidades de amanhã caibam dentro das nossas cidades de hoje sem que isso signifique uma diminuição da qualidade do espaço urbano. Ou, melhor ainda, o grande desafio urbano do milênio é fazer com que essa concentração maior possa trazer benefícios para a qualidade do espaço urbano, não apenas mitigar o impacto negativo. Cada novo objeto arquitetônico inserido neste cenário denso e complexo que são as nossas cidades deve criar impacto positivo no espaço que o cerca - deve ser um agente regenerador/qualificador do seu entorno urbano.

É como apregoa o Living Building Challenge (em tradução livre, o "Desafio do edifício vivo"), que diz que cada cidade deve funcionar como uma floresta e cada edifício deve funcionar como uma árvore, que filtra o ar, promove sombra e oferece proteção a uma série de outros organismos. Ou seja: o desafio atual é fazer os edifícios trabalharem a favor do seu entorno, beneficiando com as decisões projetuais não apenas o próprio edifício, mas também os seus vizinhos e a cidade como consequência.

Basicamente o sucesso das nossas cidades dependerá da capacidade de responder a esse desafio. E sendo a cidade um organismo vivo, nada melhor do que procurar lições da natureza, entender como ela lida com situações parecidas. Em busca dessa compreensão, entre 2011 e 2012 uma pesquisa internacional na Holanda, chamada "Mutualistic Architecture" investigou exatamente as possibilidades de tradução de algumas estratégias biológicas para este desafio urbano, quando diferentes organismos precisam conviver intimamente, dividindo o mesmo espaço.

No estudo da biologia, o nome genérico que se dá a essa interação é simbiose. Equivocadamente, na Ar-



quitetura e Urbanismo, a tendência de buscar soluções para antigas edificações hospedarem outras novas, vem sendo chamada de Arquitetura Parasita. Uma nomenclatura mal traduzida, uma vez que na biologia só se dá o nome de parasitismo a relações de simbiose em que um organismo se beneficia às

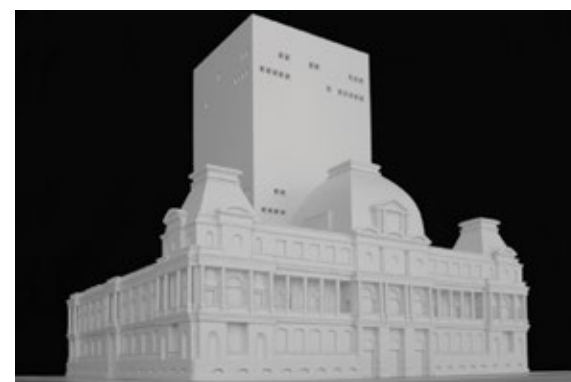
custas do outro. Essa é uma das simbioses de menos sucesso na natureza, uma vez que pode levar o hospedeiro à morte, destruindo a própria relação criada.

Existem na natureza seis tipos de simbiose, que são classificadas de acordo com os resultados daquela relação para cada um dos organismos envolvidos: o parasitismo, já definido acima, em que o resultado é positivo para um dos organismos e negativo para o outro (o que se convencionou representar como "+ ; -") ; o Comensalismo, uma relação positiva para um e neutra para o outro (+ ; 0), o Amensalismo (- ; 0), o Neutralismo (0 ; 0), a Competição ou Predação Mútua (- ; -) e, finalmente, o Mutualismo, em que os resultados são positivos para ambos os organismos envolvidos naquela relação de simbiose (+ ; +).

Neste estudo desenvolvido na Holanda, analisados mais de 80 casos de interações urbanas ao redor do mundo (as chamadas, até então, Arquiteturas Parasitas) percebeu-se que na grande maioria dos casos, especialmente aqueles que têm mais sucesso, a relação entre edifícios projetada pelo ser humano já imita a natureza: dos 80 casos analisados, 62% seriam melhor traduzidos da biologia como casos de Mutualismo. Casos em que os novos edifícios criam oportunidades para aqueles que os hospedam como recuperação e/ou reforço estrutural, proteção e isolamento em ambientes extremos (muito quentes ou muito frios), novas formas de captação de energia e água por fontes renováveis, novos espaços utilizáveis, mais eficiência no acesso e circulação da estrutura original entre tantas outras possibilidades.

No Brasil são ainda muito esparsas as tentativas de se pensar em uma maneira diferente de criar interação entre o novo e o antigo. Mas existem casos muito interessantes, nem sempre saindo do papel, mas cujas imagens criadas por seus autores nos permitem imaginar uma cidade mais heterogênea, inclusiva e instigante.

Em 2006, Paulo Mendes da Rocha propôs uma solução alternativa para a necessidade de expandir a reserva técnica e administração do edifício do Museu Nacional de Belas Artes na Cinelândia, importante marco arquitetônico do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX. A ideia do arquiteto foi construir uma torre no vazio do pátio central do edifício centenário. Pelo ângulo permitido do ponto de vista dos pedestres, essa torre se misturaria às torres contemporâneas que servem como pano de fundo para os edifícios históricos da praça.



Maquete do projeto de Paulo Mendes da Rocha para a expansão do Museu Nacional de Belas Artes: Torre no pátio interno se mistura aos edifícios de trás



Exemplos de mutualismo na natureza: Crocodilo e Pássaro-palito e na arquitetura Edifício Generali, em Roma & restaurante The Cube



MAR, o Museu de Arte do Rio, projetado por Bernardes e Jacobsen unindo um edifício eclético e um modernista através de uma cobertura contemporânea

Para o museu, funcionaria como um escape onde se poderiam instalar todas as necessidades modernas, aquelas que, por não existirem à época da construção do museu, simplesmente não têm lugar apropriado no espaço arquitetônico original e vivem hoje em adaptações e "puxadinhos" internos. Funcionaria como uma espécie de botox arquitetônico, onde, inserindo-se um elemento "estranho", que sequer seria visto, ou percebido como parte daquele corpo, aliviar-se-iam as tensões do programa contemporâneo de um museu, fazendo com que o corpo original do edifício pudesse voltar a se parecer como em seu tempo de "juventude".

O projeto nunca foi construído, tendo esbarrado em limitações da nossa legislação patrimonial, que ainda não dispunha de casos de estudo em suficiente número e relevância para compreender a ousadia da proposta. Mas poucos anos mais tarde, em 2013, em outra praça histórica da cidade bem perto dali – a Praça Mauá - o escritório Bernardes + Jacobsen conseguiu unir 3 tempos arquitetônicos em projeto muito interessante para um novo museu (o MAR, Museu de Arte do Rio, inaugurado ano passado). Com uma intervenção simples na cobertura, de linguagem contemporânea, os arquitetos conseguiram ao mesmo tempo conectar, restaurar e reconduzir à vida dois edifícios com diferentes níveis de tombamento, o Eclético Palacete Dom João e um edifício Modernista da Polícia, já em desuso naquele momento.

Estes dois exemplos, separados por um curto espaço de tempo, mostram que a evolução da maneira de lidar com as nossas cidades pode acompanhar a evolução constante e cada vez mais rápida da sociedade. E embora nesse caso o programa cultural, mais representativo, facilite um olhar mais heterodoxo sobre as possibilidades de lidar com o patrimônio, muitos outros exemplos, em outros países, mostram que é pos-

sível alojar em simbioses urbanas como essas também outros programas, como habitação, comércio, negócio, lazer e todas as atividades cuja presença se faz mais necessária com o aumento da população urbana.

Está nas mãos das próprias cidades, de seus novos cidadãos - hoje estudantes e futuramente arquitetos, urbanistas, governantes - repensar o modo de se fazer uma cidade. Está nas nossas mãos abrir espaço para o futuro, tanto literal como metaforicamente falando, permitindo que soluções "fora da caixinha" sejam investigadas a fundo, seriamente. Porque interações entre edifícios que hoje podem parecer desnecessárias, no futuro serão simplesmente essenciais, condição básica para a construção de uma cidade com oportunidades iguais para todos, em contraposição à sociedade dividida que temos hoje, com os espaços da cidade formal saturados e favelas em condições sub-humanas cada dia maiores e em maior número. A cidade pede socorro. E aprender com a natureza pode ser o melhor caminho para entender como nossas cidades do futuro podem caber dentro das cidades atuais aumentando ao mesmo tempo sua qualidade urbana. Está em nossas mãos.

Igor de Vetyemy



Arquiteto e Urbanista formado pela UFRJ e mestrado na T.U.Delft, na Holanda, é Diretor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estácio de Sá e professor da pós-graduação em Projetos de Cidades e Edificações Sustentáveis.